

REFLEXÕES E DIÁLOGOS SOBRE CORPO, GÊNERO E VIOLÊNCIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PROGRAMA ESPORTE E LAZER DA CIDADE - ME

Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo

Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, Diretor do Centro de Cultura e Lazer Natureza Humana e Membro do Coletivo de Articuladores de Formação FEF-UnB / REDE CEDES

Dori Alves Júnior

Mestrando em Educação Física FEF-UnB e Membro do Coletivo de Articuladores de Formação FEF-UnB /REDE CEDES

RESUMO

Este artigo tem como objetivo socializar algumas reflexões acerca do tema “Corpo, Gênero e Violência” abordado em oficinas do Módulo Introdutório do processo de formação dos agentes sociais do Programa Esporte e Lazer da Cidade. Procuramos contextualizar a temática com a realidade dos núcleos, na perspectiva de contribuir na organização comunitária para a luta de direitos e para a construção de uma nova sociedade.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo socializar algunas reflexiones acerca del tema “Cuerpo, Género y violencia”, abordado en talleres del Módulo Introdutorio del proceso de formación de los agentes sociales del Programa Deporte y Ocio de la Ciudad. Buscamos contextualizar la temática con la realidad de los núcleos, en la perspectiva de contribuir en la organización comunitaria para la lucha de derechos y para la construcción de una nueva sociedad.

SUMMARY

This article has as objective to socialize some reflections concerning the subject “Body, Sport and Violence” boarded in workshops of Introductory Module in process of formation of the social agents in Program Sport and Leisure of the City. We look for to the thematic focus one with the reality of the communit, in the perspective to contribute in the communitarian organization for the fight of social rights and the construction of a new society

INTRODUÇÃO

Neste artigo dialogamos sobre as questões de gênero, diversidade, violência e corpo e uma proposta de abordagem metodológica na estrutura de uma oficina temática inserida no processo de Formação de Agentes Sociais de Esporte e Lazer, do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) do Ministério do Esporte. Como indica o Manual de Orientação do Ministério do Esporte (ME) entende-se que no Programa Esporte e Lazer da Cidade:

“... as manifestações socioculturais, artísticas, intelectuais, físico-desportivas acontecem tendo como princípio a gestão participativa e democrática, mediada pelos Agentes Sociais de Esporte e Lazer, pessoas com formação

multiprofissional e perfil de mobilizadores sociais, com legitimidade junto à comunidade para, a partir de suas inserções, exercerem o papel de aglutinadores dessas comunidades e estimuladores dessas manifestações” (MANUAL DE ORIENTAÇÃO, 2004).

Para que os objetivos do programa sejam materializados através de indicadores sociais que permitam a verificação dos mesmos, faz-se necessário que os gestores dos núcleos compreendam a importância da formação continuada de seus agentes sociais.

Essa abordagem está embasada na pedagogia social crítica¹, onde os oficinairos na aplicação do método didático iniciam com a análise da realidade, fazendo um diagnóstico da prática social dos Agentes Sociais, partindo posteriormente para a problematização das dinâmicas, brincadeiras e da prática social cotidiana, contextualizando-as socialmente. Com intervenções ao longo do processo, procuramos também instrumentalizar o grupo, desafiando a reflexão e o trabalho coletivo, para então propiciar um processo de conscientização e de elevação cultural e política dos agentes sociais.

É importante ressaltar que toda a construção da proposta de formação é realizada de forma coletiva, o grupo de professores² se reúne periodicamente no intuito de planejar, estudar, debater, formular, avaliar todo o processo. A este grupo demos o nome de Coletivo de Articuladores de Formação, estando assim, vinculados a Faculdade de Educação Física da UnB ,através da REDE CEDES.

OFICINA CORPO, GÊNERO E VIOLÊNCIA

O objetivo da Oficina é construir idéias e conceitos, a partir de práticas corporais contextualizadas. Nesta construção é importante termos uma análise crítica e coletiva dos conceitos e dados que se referem ao tema para superarmos o senso comum e construirmos uma nova prática baseada no conhecimento científico contextualizado socialmente e, portanto uma ação coletiva na articulação e na construção de uma nova sociedade, de um novo projeto histórico.

A idéia de construirmos dentro do Seminário Introdutório³ uma Oficina de Corpo, Gênero e Violência veio da constatação da realidade das comunidades onde está inserido o PELC. Percebemos que essa era uma demanda comum a todos os núcleos do Consórcio Brasília⁴.

Já Realizamos o Módulo Introdutório da formação em diversas entidades. O que trazemos neste artigo, é a abordagem de algumas práticas corporais e métodos para a reflexão da temática “Corpo, Gênero e Violência” e o contexto com a realidade dos agentes sociais. Não se propõe e nem se pretende criar um modelo a ser seguido, tampouco uma “receita de bolo” e sim a socialização dos debates e reflexões coletivas construídas nos processos de formação, inclusive apontando seus limites e possibilidades de adequação a real necessidade dos agentes sociais.

É necessário salientar que essa oficina (que totaliza junto com o Grupo de trabalho temático, 4 horas) se encontra dentro de um módulo de 32 horas, portanto os outros

¹ Saber mais em: SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 33.ª ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000

² O Coletivo de Articuladores, atualmente é composto por 8 professores, porém além destes, colaboram ou já colaboraram em algum momento da formação cerca de 10 professores (as).

³ No Manual de Orientação do PELC, fica estabelecido que no Programa a Formação é modular, dividida em 3 módulos: Módulo Introdutório (32 horas, com recursos do ME), Módulo de Aprofundamento (32 horas, a cargo da entidade, Módulo de Avaliação (32 horas com recursos do ME).

⁴ No Distrito Federal e no Entorno, atuam cerca de 300 Agentes Sociais de Esporte e Lazer pelo Programa Esporte e Lazer na Cidade, gerenciados por um Consórcio de Ong`s conveniados pelo Ministério dos Esportes, através da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL).

momentos⁵ que compõe esse Módulo estão intrinsecamente ligados, incorporando três dimensões: Humana, Pedagógica e Política.

A seguir delinaremos didaticamente algumas fases do método pretendido, ressaltando que nem sempre utilizamos todas as práticas, cabendo os oficinairos inserir ou retirar uma prática de acordo como tempo, espaço, material e o andamento de cada grupo.

ANÁLISE DA REALIDADE PARA RETRATO DA PRÁTICA SOCIAL

Ao partir da prática social dos agentes sociais, compreendendo todo o processo de análise da realidade como um importante diagnóstico para compreender a especificidade local.

Dinâmica de Apresentação: Nessa dinâmica, colocamos música e pedimos para que os agentes sociais caminhem livremente em um espaço delimitado, passamos então alguns comandos, como por exemplo: não é permitido verbalizar, caminhe olhando os olhos dos colegas, cumprimente-os corporalmente e etc. Podemos colocar situações para simularmos emoções e sentimentos para serem expressados. Os comandos prosseguem toda vez que se pára a música: formem duplas, trios, se apresentem, conversem um pouco, se conheçam e etc. Dividimos em grupos pelas mesmas características físicas, sociais, familiares, religiosas, geográficas e históricas. Com essa atividade podemos ter um retrato social amplo do grupo em que estamos desenvolvendo a oficina. Sempre é pedido para que se registrem mentalmente questões pendentes surgida nesse processo para que faça parte do debate posterior.

(RE) CONHECIMENTO DO MARCO CONCEITUAL EM CONTEXTO COM A REALIDADE

Nesta hora, pedimos para os participantes dividirem-se em 4 grupos para discutir conceitos de Gênero (2 grupos) e Violência (2 grupos), nesse momento queremos perceber qual o acúmulo de discussão os agentes tem nesses conceitos. Os oficinairos ao observar o desenvolvimento do tema, tiram algumas dúvidas.

PROBLEMATIZANDO ATRAVÉS DO LÚDICO E DE PRÁTICAS CORPORAIS

Logo após, colocamos uma prática que denominamos Espaço Estruturado, que se constitui em um espaço de lazer com materiais diversos para a prática livre e espontânea, neste momento podemos observar momentos de diferenciação de gênero, percebemos que essa separação se dá principalmente em grupos com pouco entrosamento entre si, diminuindo gradualmente com boa interação coletiva e percebemos também que na maioria das vezes no final da atividade uma expressividade da violência e agressividade no trato com as brincadeiras (com as bolas de plásticos servindo para a prática do

⁵ Geralmente trabalhamos às 32 horas diluídas nos seguintes espaços: Reunião com os gestores, Visita aos núcleos e reunião com os agentes sociais, Mesa de Abertura, Mesa II sobre os princípios do PELC e sobre a formação, curta metragem e debate coletivo, Oficinas e GTT: 1) Prática Pedagógica no âmbito do lazer, 2) Organização do Trabalho Pedagógico, 3) Corpo, Gênero e Violência, GTT de avaliação e Mesa III: Avaliação, compondo a mesa um representante do Ministério do Esporte, um representante do Coletivo de Articuladores de Formação FEF - UnB / REDE CEDES e um representante da entidade conveniada.e reunião com os coordenadores.

“Porrabol”⁶) diferenciando também na questão de gênero, com as mulheres se escondendo e com os homens com uma postura mais agressiva.

DINÂMICA DO BALÃO

Nesta prática, distribuimos um balão para cada um, orientando para o controle do balão, com as diversas partes do corpo, com desafios a serem solucionados em grupo. Algumas dinâmicas incentivam a “atrapalhar” o outro (de estourar os balões do colega, sem deixar que estourem o seu). Observamos os conflitos gerados, para uma posterior problematização:

- Como se estabelece a relação entre o homem e a mulher no grupo?
- E entre os mais baixos e os mais altos?
- Alguém machucou alguém na brincadeira? Por que isso aconteceu?
- Alguém propôs alteração nas regras das brincadeiras?

JOGO DO “EU GOSTO”

Introduzimos posteriormente uma dinâmica para refletirmos a condição de violência simbólica que vários(as) indivíduos vivem no seu cotidiano, neste caso fazemos uma reflexão sobre os deficientes e seu lugar na sociedade.

O jogo do “eu gosto” consiste em formar uma roda com cadeiras (sendo uma para cada pessoa), sobrando uma pessoa no meio. A pessoa que estiver no meio tem que falar alguma coisa que gosta muito. Por exemplo, “Eu gosto de andar de bicicleta”, neste momento que gostar de andar de bicicleta também pode se levantar e trocar de lugar com alguém, a pessoa que estiver no meio tenta sentar também. O diferencial é que incrementamos alguns desafios. Pedimos que voluntários (de 4 a 8 pessoas dependendo do tamanho do grupo) se apresentem, então vendamos os olhos de alguns, amarramos pernas e braços nos outros. A brincadeira está sempre aberta a quem quiser alterar as regras.

Após a prática abrimos para as pessoas que estiveram na condição de portadores de deficiência (os vendados e amarrados) pra contarem como foram as experiências vividas. Com isso trazemos o debate acerca dos portadores de deficiência (PPD’s) e a sociedade:

- Como foi a sensação de ter passado por essa experiência?
- Qual foi a sensação de terem sido ajudados ou ignorados pelos demais do grupo?
- Como a sociedade civil e o governo tratam a questão dos PPD’s?
- Existem PPD’s nas nossas oficinas do PELC?
- Como fazer para que as oficinas passem a atendê-los?

DANÇA DA CADEIRA

Essa é uma das brincadeiras mais conhecidas do público infantil, muito divulgado em programas infantis na década de 80, junto com o lúdico e a música ela traz valores como a exclusão e / ou a humilhação (prenda). Propomos depois, uma reflexão sobre esses valores. Incentivamos o grupo a tentar alterar as regras da brincadeira, sem que ela perdesse seu caráter lúdico, mas que superasse a questão da exclusão ou humilhação. Existiram grupos que encontraram soluções, aos que não conseguiram, os oficineiros

⁶ “Porrabol” é um jogo popular muito difundido da cultura juvenil do brasileiro (provavelmente popular em todo o Brasil) que consiste em chutar a bola afim de que essa pegue no colega e que de preferência machuque.

propuseram tirar as cadeiras, permanecendo os participantes, até que reste apenas uma cadeira para que todos possam sentar.

GRUPO DE TRABALHO TEMÁTICO: CORPO, GÊNERO E VIOLÊNCIA

Após essas práticas corporais e um rápido intervalo, damos início ao Grupo de Trabalho, na perspectiva de refletir sobre o que fizemos e sua relação com a prática social dos agentes. Geralmente nesta sequência:

PIADAS RACISTAS E MACHISTAS: QUAL É A GRAÇA? O QUE ISSO TEM A VER COM ESPORTE E LAZER

Divisão em 4 grupos, os mesmos grupos da divisão anterior, para debater frases e piadas (machistas e racistas) relacionando-as com as questões de Gênero e Violência e posteriormente a apresentação das idéias debatidas nos pequenos grupos ao grande grupo.

INSTRUMENTALIZANDO: CONCEITOS E CONTEXTOS

Exposição dos conceitos pelos articuladores:

1) Sobre a mulher

Na sociedade existem homens e mulheres, idosos, jovens e crianças, mas aqui devemos mostrar porque a mulher é uma receptora das crises nos países. Há certos impactos particulares que as atingem porque são mais sensíveis na estrutura social, não por causa da questão biológica, mas pelas construções sociais através da história.

Segundo dados da Federação Democrática Internacional das Mulheres⁷:

- 70% do 1 bilhão e 300 milhões das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza, são mulheres;
- 30% do trabalho da mulher são remunerados, enquanto 75% do trabalho do homem são remunerados;
- 80% dos que trabalham no setor informal são mulheres;
- 80% dos refugiados pela guerra são mulheres e crianças;
- 60% dos analfabetos são mulheres;
- Uma em cada três mulheres tem que manter e cuidar da criação dos seus filhos (as) sem a presença de seu companheiro;
- A cada ano cerca de 500 mil mulheres morrem em decorrência de problemas da gravidez e aborto;

No Brasil as mulheres representam cerca de 41% da População Economicamente Ativa⁸. Há uma proporção desigual no ingresso de mulheres do mercado de trabalho e uma diferença de salários, ou seja, a mulher tem que buscar a ser melhor ou superior para ser igual. Existe uma feminização da pobreza, uma feminização do desemprego e no exercício dos direitos cidadãos.

Apesar de apresentarem percentualmente mais anos de estudos do que o homens, as mulheres exercem trabalhos mais precários, estão mais vinculados ao trabalho informal e quando exerce o mesmo trabalho que o homem, tende a ganhar menos em média. Isso é o

⁷ Dados retirados de uma Oficina sobre Economia e Mulher (2004), pela FDIM, ministrado pela professora Blanca Muster Infante da Universidade de Havana .

⁸ Fonte: IBGE. PNAD/98
Elaboração: DIEESE

que podemos analisar nas tabelas 5, que trata de percentualmente a permanência em anos de estudo entre o homem e a mulher e na tabela 9, que dispõe do rendimento médio anual no trabalho principal de homens e mulheres, esses dados são do PNAD/98, feito pela DIEESE que traçou o perfil da mulher brasileira.

Tabela 5 - Pessoas de 10 anos ou mais, segundo os anos de estudo, por sexo Brasil - 1998 (em %)			
Grupos de anos de estudo	Mulheres	Homens	Total
Sem instrução e menos de 1 ano	13,8	14,3	14,0
De 1 a 3 anos	18,3	20,1	19,2
De 4 a 7 anos	33,7	34,4	34,1
De 8 a 10 anos	14,7	14,1	14,4
De 11 a 14 anos	14,8	12,4	13,6
De 15 anos ou mais	4,4	4,4	4,4
Não-determinados e sem declaração	0,3	0,3	0,3
Total	100,0	100,0	100,0

Tabela 9 - Rendimento médio real anual dos ocupados no trabalho principal, segundo sexo Regiões metropolitanas do Brasil - 1999 (em R\$ de novembro/99)			
Regiões Metropolitanas	Mulheres	Homens	Rendimento das mulheres em relação ao dos homens
São Paulo	664	1.027	64,7%
Belo Horizonte	453	735	61,6%
Distrito Federal	822	1.220	67,3%
Porto Alegre	499	731	68,3%
Recife	357	548	65,1%
Salvador	408	647	63,1%

Se há uma questão de desigualdade social na situação mundial, isso ocorre de forma mais aprofundada em relação às mulheres. Existe uma relação direta entre a economia (modo de produção capitalista) e a questão de gênero:

Porque se dá o processo de empobrecimento de nossos países?

Porque há cada vez mais mulheres pobres que não podem sustentar sua família?

Porque existem cada vez mais mulheres pobres que não podem sustentar a si e a sua família?

Ser mulher hoje é igual a ser mulher de 30 anos atrás?

1.1) Questão de Gênero

Os oficineiros neste momento suscitam mais algumas perguntas:

Você poderia apontar as igualdades e diferenças entre os homens e as mulheres?

Você poderia distinguir características femininas e características masculinas?

Existe esporte e / ou lazer para homens e esporte e /ou lazer para mulheres? Você poderia descrevê-los?

Quais são as brincadeiras e os brinquedos dos meninos e quais as das meninas?

Após essas reflexões vamos discorrer sobre alguns conceitos.

A discriminação nasce de circunstâncias, no caso da discriminação contra a mulher, ela nasce de uma sociedade machista. O machismo é uma relação de poder do homem em relação à mulher. Essa relação de poder é determinada por um sentimento de propriedade, ou seja, a mulher sendo “propriedade” do homem.

“Art. 1º...a expressão “ discriminação contra a mulher” significará toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo” (CEDAW in AGENDE, 2002, p.23).

A sociedade determina os papéis sexuais de cada sujeito. O homem é o “chefe” da casa, para onde ele trás os provimentos necessários ao consumo e bem estar da família. Enquanto à mulher cabe a higiene e organização do lar e a criação dos filhos e filhas, formando assim o núcleo familiar tendo o homem como centro da família (sociedade Patriarcal)

A conduta de identificação sexual de membros de uma sociedade deriva de um processo de discriminação, onde trata o sexo somente pelas características biológicas e físicas do homem e da mulher, considerando os costumes, as tradições e os interesses de classe e gênero.

“A discriminação gera desigualdade entre mulheres e homens nas oportunidades de ter e fazer coisas, realimentando o preconceito contra as mulheres e a violência quando elas não se conformam com essas regras” (AGENDE, 2002, p.87).

A partir desta discussão, trazemos as seguintes questões: São os homens que devem determinar o trabalho da mulher? E seu modo de se vestir, de se portar, de se viver?

Existe uma compreensão, em uma visão reducionista, que essas determinações se deram pelas diferenças biológicas, ou seja, o homem ao nascer homem, se estabelece como masculino, lhe cabe determinados papéis (papel de macho?) e a mulher também, por sua vez, é feminina e tem seus papéis e obrigações estabelecidos (coisas de mulherzinha?). Essa visão desconsidera a história, como processo fundamental na construção das identidades de gênero, que acontece de forma plural no processo de identificação do indivíduo em masculino e /ou feminino e desconsidera a cultura, numa visão mais ampla, como espaço e tempo onde o homem e a mulher se distinguem, através das relações de trabalho, dos outros animais e se fazem humanos. Sendo que a identidade de gênero não está associada diretamente a sua identidade sexual (homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e transexualidade).

Se há alguma determinação imposta pela sociedade, esta determinação se deu culturalmente. É uma construção coletiva e histórica que pode ser modificada por um processo constante de transformação das relações das condutas sociais e dos costumes da sociedade. Hoje as mulheres reclamam por um maior protagonismo na condução da sociedade. A participação das mulheres em diferentes perspectivas é fruto de um fenômeno social que se deu origem através das lutas das próprias mulheres.

A Lei Maria da Penha, promulgada somente em 2006, é mais um fruto dessa luta que já se estende pelo século XXI, ela trata de uma ratificação dos direitos das mulheres, que necessitavam de uma lei específica, por se tratar de especificidades históricas e culturais acerca da questão de gênero.

“Art. 3º Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à

liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.”
(LEI 11.340, 2006).

O conceito de Gênero⁹ surgiu dessa luta, mas precisamente na segunda onda do feminismo, nos meados da década de 70. Gênero é a construção social do sexo, também fruto de um processo histórico e cultural de tensões sociais.

2) Violência

Preferimos abordar o conceito de violência relacionando a questão de gênero, porém não nos restringimos a essa temática. Pois ao tratarmos da questão de gênero articulamos e problematizamos diversas vezes a questão racial, intergeracional e social, além de refletirmos sobre a questão dos portadores de deficiência em praticamente todos os momentos. Esses segmentos encontram-se em situação similar quando se refere à violência.

Só é possível entender a questão da violência ao realizar um esforço em entender como que ela se manifesta. Na sociedade capitalista onde existe uma relação de poder entre aqueles que detêm os meios de produção, controlando o fluxo de capital financeiro, baseado na mais valia (lucro), os meios de comunicação de massa e as parcelas mais pobres que formam a imensa massa de trabalhadores assalariados, informais e desempregados.

Essa relação de poder, intermediada pelo capital, que dá origem às classes sociais é uma das bases fundamentais da violência no mundo contemporâneo. A desigualdade social crescente, contribuindo para a favelização¹⁰ do mundo, alija a garantia do exercício dos direitos sociais e portanto da cidadania.

A violência no meio rural materializado principalmente por conflitos de terras, onde de um lado os grandes latifundiários e empresários do agronegócio e do outro, famílias camponesas, desempregados e os movimentos sociais estabelecem novos patamares com a parcialidade da mídia burguesa.

A violência no meio urbano de um país como o Brasil, atinge um dos piores índices¹¹, sendo o jovem, negro e pobre, a principal vítima desse caos contemporâneo.

Mas além da violência física, fácil de identificar, temos a violência simbólica¹², que, segundo Debardeux:

“Pode ser concebida como um conjunto de fenômenos que não são vividos enquanto tais por aqueles que são vítimas deles, mas que se pode, com Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1970), reagrupar sob o termo “violência simbólica”. A reprodução de uma ordem social desigual e o fraco sucesso escolar de crianças que sofrem a cultura da classe dominante por meio dos hábitos remetem a uma violência simbólica definida como “poder que chega a impor significações e impô-las como legítimas, ao dissimular as relações de força que estão no fundamento de sua força” (DEBARDIEUX, 2001)

É uma forma invisível de coerção, baseado em uma relação de poder, de caráter subjetivo, que ataca psicológica ou moralmente uma determinada pessoa ou grupo social.

⁹ Informação do verbete: Gênero, do livro Dicionário Crítico da Educação Física escrito por Silvana Goellner.

¹⁰ Para aprofundar mais ler Mike Davis, no livro Planeta-Favela, neste livro o autor faz um intenso trabalho de entender como estão se constituindo as cidades a nível global, constatando que as cidades estão sendo substituídas por imensas favelas.

¹¹ Ver Mapa da violência IV: os jovens do Brasil, de Julio Jacobo Waiselfisz e Gabriela Athias.

¹² Violência simbólica é um termo construído por Pierre Bourdieu, sociólogo francês, que se refere aos produtos dominados de uma ordem dominada por forças enfeitadas de razão “como as que agem através dos veredictos da instituição escolar ou através dos ditames dos especialistas econômicos” (Bourdieu, 1989, p. 99.) não podem senão atribuir seu assentimento ao arbitrário da força racionalizada. Ler: *O poder simbólico*, Lisboa: Difel, 1989

Esta forma de violência velada causa nos indivíduos uma sensação de inferioridade, o que se reflete na sua vida social.

As mulheres vêm sofrendo historicamente uma relação de abuso por parte dos homens, discriminada, a mulher teve que ir a luta por seus direitos e espaços na sociedade, porém ainda hoje se encontram vítimas dos mais variados tipos de violência.

A Lei Maria da Penha conceitua e instrumentaliza para o combate à violência contra a mulher.

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (LEI 11.340, 2006).

Casos de violência tanto físicos quanto simbólicas continuam cada vez mais presentes na sociedade atual, haja vista o grande número de casos de violência contra mulheres, negros, homossexuais, crianças e outros grupos oprimidos. Essas manifestações de violência estão presentes inclusive no esporte, dentro e fora dos campos, na escola, na rua e em casa.

TEATRO DO OPRIMIDO

Neste momento juntamos os 2 grupos de gênero e os dois grupos de violência, formando um grupo de cada temática, preparando uma apresentação teatral que tenha a ver com o tema.

Utilizamos nesse momento a técnica do Teatro Fórum, como metodologia para problematizar junto aos agentes sociais sobre os problemas comuns à prática social do esporte e lazer no âmbito comunitário. No Teatro Fórum, o espectador é estimulado a tomar o lugar do oprimido na cena, fazendo mudar o enredo estabelecido. Com isso, proporciona com que todos reflitam sobre a situação de opressão, buscando caminhos coletivos para a sua superação.

DEBATE E CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS EM CONTEXTO COM A PRÁTICA SOCIAL

Debatemos sobre a construção desse novo conceito de Gênero e Violência relacionando esse novo conceito com a prática pedagógica e com as questões cotidianas. Com isso encerramos esse arcabouço de técnicas, conceitos e debates deixando em aberto uma questão a ser refletida por todos (as):

Como superar as relações de violência na questão de gênero, raça, social e etc?

Longe de querer responder essa pergunta, estimulamos a pensar caminhos a serem percorridos na construção de uma nova mulher, um novo homem para a construção de uma nova sociedade mais justa.

A NOVA MULHER, O NOVO HOMEM, A NOVA SOCIEDADE E O LAZER

“O novo tipo de mulher, que é interiormente livre e independente, corresponde plenamente à moral que elabora o meio operário no interesse de sua própria classe. A classe operária necessita, para a realização de sua missão social, de mulheres que não sejam escravas [...] Necessita de companheiras com uma individualidade capaz de protestar contra toda servidão, que possam ser consideradas como membro ativo, em pleno exercício de seus direitos, e, conseqüentemente, que sirvam a coletividade e à sua classe” (KOLONTAI, 2005, p.23).

A citação acima do livro que Alexandra Kolontai escreveu no início do século XX, se encontra ainda muito atual, principalmente na referência da necessidade de protestar contra toda servidão.

Ao homem cabe entender, respeitar e valorizar essa nova mulher e compartilhar trabalho, prazer, luta e sonho na construção de relacionamentos que superem a formatação patriarcal, além de se auto-compreender nessa relação com o outro e o mundo.

Uma nova sociedade tem que ser construída pelos alicerces do respeito étnico e cultural, do livre acesso aos bens culturais materiais e imateriais construídos pela humanidade ao longo da história e de condições justas para o suprimento de todas as necessidades do homem e da mulher, sejam elas necessidades do estômago ou necessidades da fantasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se nos diversos cursos de formação realizado um bom nível de discussão, esses Agentes Sociais na sua maioria não possuem uma formação acadêmica, mas o seu trabalho e a sua inserção na comunidade ao longo do tempo os habilitam a estar nas funções confiadas, isto se concretiza nas maduras colocações durante os diversos debates e mesmo nas visitas aos núcleos e oficinas que fazemos ao longo do processo.

Compreendemos que partir da oficina de Corpo, Gênero e Violência, que nossa proposta estava de certa forma não abarcando o conceito e a reflexão sobre o corpo, ficando limitado as práticas corporais de percepção do próprio corpo e do outro. Acreditamos que seria mais coerente tirar Corpo do tema principal da oficina, para trabalhá-lo como tema transversal, assim como fazemos com os temas Cidade, Esporte e Lazer.

Também já discorreremos sobre a não restrição à discussão de gênero, contemplando a questão racial, étnica, de classe, intergeracionalidade e dos portadores de deficiência, assim sendo, fazemos uma discussão sobre a Diversidade. Porém acreditamos que o debate

central se passa pela questão de gênero, cabendo aprofundar alguma das outras temáticas no Módulo de Aprofundamento e /ou Avaliação.

Ao pensarmos esta oficina pretendíamos realizar um trabalho no qual a partir de práticas corporais, discussão em grupo e conceituações históricas e teóricas a cerca destes temas, pudéssemos atingir a realidade daqueles indivíduos e a sua prática social, na intervenção pedagógica no sentido de trabalhar para a superação.

Essa intervenção é necessária para questionarmos a ordem vigente e a naturalização das desigualdades sociais e das relações de violência. Como disse Brecht “*Estranhem o que não for estranho. Tomem por inexplicável o habitual. Sintam-se perplexos ante o cotidiano. Tratem de achar um remédio para o abuso. Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra*” (BRECHT, 2007)

REFERÊNCIAS

- AGENDE, *Direitos humanos das mulheres: em outras palavras, subsídios para a capacitação legal de mulheres e organizações*. [coord.] Alice Libardoni. Brasília: Agende, dezembro de 2002
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRECHT, B. *A exceção e a Regra*: <http://www.culturabrasil.org/brechtantologia.htm>
Acesso: 25 de abril de 2007.
- DAVIS, Mike. *Planeta-Favela*. Tradução: Beatriz Medina. São Paulo, Boitempo, 2006.
- DEBARBIEUX, Eric. *A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997)*. Educ Pesq vol.27 no.1 São Paulo Jan./June 2001.
- DIEESE, Fonte: IBGE. PNAD/98.
- GOELLNER, S. V. apud GONZALÉZ, F. J.; FENSTERSEIFER verbete: *Gênero - Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- KOLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo, Ed. Expressão Popular, 2003.
- LEI 11.340, 2006
- MINISTÉRIO DO ESPORTE, *Manual de Orientação do Programa Esporte e Lazer da Cidade*. Brasília: Ministério do Esporte, 2004..
- SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez, 1992.
- TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- WASELFISZ, Julio Jacobo e ATHIAS, Gabriela, *Mapa da violência IV: os jovens do Brasil*, 2007